

**FORMAÇÃO PROFISSIONAL: A DECORAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO  
INFANTIL E SEUS SIGNIFICADOS**

Fatima Aparecida D Gomes Marin, Gilza Maria Zauhy Garms

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica  
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Este trabalho parte da relevância dos profissionais de educação infantil conceberem os espaços das instituições como um recurso educativo que contribui para a qualidade de formação das crianças pequenas. A organização do espaço tem um papel importante para o desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança. Na intenção de aprofundar reflexões a respeito do espaço escolar e investigar como está sendo a formação inicial dos professores da educação infantil fizemos uma pesquisa com alunos do último semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP. A pesquisa qualitativa contou com a participação de 39 alunos. Foi solicitado aos estudantes que sugerissem, por escrito, como deveria ser a decoração de uma instituição de educação infantil e que confeccionassem dois desenhos, um deles sobre a organização do espaço de uma sala e outro de uma instituição de educação infantil. Diante das múltiplas dimensões que envolvem a organização do espaço, nos atemos especificamente aos significados que emergiram das escolhas dos profissionais a respeito da decoração do ambiente escolar. A investigação resultou em um material valioso para a formação, desde que seja explorado no sentido de promover interações dialógicas e críticas que visem à tomada de consciência dos equívocos e dos aspectos não privilegiados ou parcialmente constatados nas respostas e desenhos. Deste modo, este trabalho contribui para a profissionalização docente no âmbito da formação inicial, no que tange a organização dos espaços, especialmente a decoração dos ambientes educativos. Palavras-chave: espaço escolar; educação infantil, decoração de ambientes escolares.

## FORMAÇÃO PROFISSIONAL: A DECORAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS SIGNIFICADOS

Fátima Aparecida Dias Gomes Marin; Gilza Maria Zauhy Garms. Faculdade de Ciências e Tecnologia FC, UNESP.

### Introdução

Este texto defende a relevância dos profissionais de educação infantil conceberem os espaços das instituições como um recurso educativo que contribui para a qualidade de formação das crianças pequenas. A organização do espaço tem um papel importante para o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e social da criança. Nas palavras de Edwards, Gandini e Forman (1999, p. 157) nas escolas de Reggio Emilia “[...] O ambiente é visto como algo que educa a criança; na verdade, ele é considerado o terceiro educador, juntamente com a equipe e dois professores.” Zabalza (1998, p.28) avalia que:

Como em nenhum outro nível educativo, a qualidade de vida e de trabalho dos professores(as) depende da qualidade dos espaços. Estes transformam-se nos grandes protagonistas da Educação Infantil. E afetam, por igual, a satisfação das crianças que vivem a sua escola por meio deles, como a dos professores(as) que os usarão como recurso básico do seu discurso pedagógico (além de que passarão ali, cercados de crianças pequenas, grande parte de sua vida).

Entendemos que profissional comprometido tem que considerar o espaço como um elemento curricular, um fator de aprendizagem, um recurso educativo (FORNEIRO, 1998) e, portanto, atuar principalmente no sentido de torná-lo desafiador e seguro para favorecer o desenvolvimento da criança. A equipe de profissionais cabe a tarefa de transformar o espaço e equipá-lo de acordo com as suas concepções e possibilidades de intervenção. Barbosa (2006, p. 122) corrobora esta afirmação ao ponderar que:

As pedagogias para a primeira infância têm na organização do ambiente uma parte constitutiva e irrenunciável de seu projeto educacional. A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas idéias pedagógicas.

Diante das múltiplas dimensões que envolvem a organização do espaço, neste texto, nos atemos especificamente aos significados que podem emergir

em decorrência das escolhas dos profissionais a respeito da decoração do ambiente escolar. Na intenção de aprofundar reflexões a respeito do espaço escolar e investigar como está sendo a formação inicial dos professores sobre a organização do espaço das instituições de Educação Infantil fizemos uma investigação com alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP), Presidente Prudente (SP). A pesquisa em questão faz parte dos estudos desenvolvidos pelo grupo Formação de Professores de Educação Infantil (FOPREI), vinculados à Pós-Graduação em Educação. Participaram como sujeitos da pesquisa 39 alunos dos quartos anos do curso de Pedagogia, sendo 28 alunos do noturno e 11 do vespertino, com uma faixa etária compreendida entre 20 a 40 anos. A investigação ocorreu em 2012, no último semestre da formação inicial. Na ocasião foi solicitado aos estudantes que sugerissem por escrito como deveria ser a decoração de uma instituição de Educação Infantil e que confeccionassem dois desenhos. Um deles sobre a organização do espaço de uma sala adequada às especificidades da criança pequena e outro sobre o espaço de uma instituição de Educação Infantil. No decorrer deste texto, são apresentados trechos das respostas dos estudantes que são identificados com número para manter o sigilo dos participantes. Os 28 alunos do período noturno são referenciados pelos números 1 ao 28 e os 11 do período vespertino pelos números 29 ao 39.

A investigação está fundamentada nos estudos de autores que abordam o espaço no contexto da educação infantil como: Barbosa (2006); Barbosa e Horn (2001), Carvalho e Rubiano (2000), Guimarães (2009); Forneiro (1998); Edwards, Gandini e Forman (1999), Zabalza (1998) e também nos trabalhos de autores que tratam do tema espaço e/ou a arquitetura escolar de uma maneira geral: Frago e Escolano (1998) e Kowaltowski (2011). Foi dada atenção para os documentos oficiais que versam sobre a educação infantil com destaque para os que tratam da interface com o espaço.

### **A decoração dos espaços escolares e os seus significados**

Escolano considera o espaço como um currículo oculto e cita Mesmin ao definir a arquitetura escolar como “uma forma silenciosa de ensino”. A decoração, os seus elementos simbólicos constituem uma das maneiras de ensinar padrões culturais e pedagógicos. Para Escolano (1998, p. 45):

[...] a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem

urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende.

São comuns nos ambientes de instituições escolares símbolos e frases moralistas, religiosas, patrióticas que concorrem para processos de subjetivação. Para Escolano (1998, p. 40) elementos dispostos no espaço simbolizam questões culturais, ideológicas, nacionalistas, religiosas e morais.

[...] O edifício-escola, como se sabe, serviu de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos e homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio... Isso expressa toda uma instrumentação da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais.

Na perspectiva de compreender as potencialidades da decoração para a formação das crianças e alimentar as discussões sobre a relevância da criteriosa organização do espaço das instituições de Educação Infantil tratamos, a seguir, de alguns temas que surgiram durante a investigação e sobre os quais apresentamos trechos das concepções dos alunos e tecemos considerações teóricas.

### **Decoração: as cores e as sensações**

Ao serem questionados para dar sugestões sobre como deve ser a decoração de uma instituição de Educação Infantil a informação que mais compareceu nas respostas dos estudantes foi com referência às cores, ao colorido. Contudo, há divergências quanto à escolha das cores.

Ao tratar da sensibilidade estética Forneiro (1998, p. 260) avalia que algumas cores são mais prazerosas, outras mais excitantes e pondera para a necessidade de harmonia:

[...] as cores vivas são atraentes para as crianças e chamam a sua atenção. Além disso, está provado que certas cores estimulam certos tipos de atividades e inibem outras. Segundo Mehrabian (1976), as tonalidades mais prazerosas são, por ordem, o azul, o verde, o violeta, o roxo e o amarelo, enquanto as mais excitantes são o vermelho, seguido pelo laranja, o amarelo, o violeta, o azul e o verde. Devemos ter cuidado para manter a harmonia de cores na sala de aula e evitar que seja "berrante".

Alguns alunos compartilham da ideia de Forneiro de harmonia. Sendo assim, consideram a necessidade de se evitar excessos: "*Na decoração deve ter muitos desenhos, não pintados muito forte; cores suaves.*" (sujeito 32); "*Leve, sem muita informação visual, mas atrativa para a criança.*" (sujeito 38). Para

outros estudantes as cores devem ter tonalidades fortes: "*Com cores fortes e vivas, que chamem a atenção da criança.*" (sujeito 21).

Com relação as cores, é oportuna a sugestão de Broto (2012, p. 25) ao abordar o tema "aprender de los sentidos". Ao tratar do planejamento dos parques infantis o autor toma o cuidado de prever o uso das cores apropriadas para as crianças com visão reduzida:

Muchas veces relacionamos el sentido de la vista con la percepción del color. Se dice que los niños responden mejor a los colores primarios, aunque esta afirmación no parece tener mucho fundamento. Lo que sí es cierto es que los niños con visión reducida encuentran en los colores vivos y las formas bien definidas referentes para la orientación. Pensando en este tipo de dificultades elegiremos - especialmente en las zonas adecuadas para ellos- colores brillantes que estimulen la percepción visual, y procuraremos a su vez que no sobrecarguen visualmente el resto de las instalaciones de juego.

Um aspecto que merece destaque na organização do espaço é com referência não propriamente a decoração, mas as sensações que a mesma pode suscitar. Entre as sensações evocadas pelos estudantes constam: alegria, divertimento, curiosidade, atenção, acolhimento. Algumas respostas ilustram esta idéia: "*A decoração deve ser alegre, educativa, lúdica, estimulante.*" (sujeito 27); "*Uma decoração alegre, que chame a atenção da criança, que ela se sinta acolhida.*" (Sujeito 26). Os profissionais das instituições de Educação Infantil ao promoverem ações voltadas ao acolhimento da criança colaboram para a transformação do espaço em lugar.

### **A decoração que valoriza as produções das crianças e a construção da noção de pertencimento**

Para que um espaço se transforme em lugar se faz necessário o estabelecimento de laços afetivos com o mesmo. A construção da noção de pertencimento, de espaço vivido, de segurança, de lar, ou seja, a construção de significações pessoais que culminem na aquisição do sentido de lugar pode ser favorecida pelo cuidado por parte dos profissionais da Educação Infantil em tornar o ambiente agradável.

Blanc e Lesann (2012, p. 43) ao relatarem suas experiências diante da organização material das salas de uma escola francesa enfatizam a importância de se considerar, principalmente no início da vida escolar, a reprodução do ambiente da casa do aluno:

O trabalho na escola apóia-se na reprodução inicial do ambiente da casa do aluno e de sua vida familiar para, aos poucos, enriquecer e diversificar as atividades propostas. Os diversos

ambientes temáticos precisam ser bem delimitados e organizados, agradáveis, atrativos e bonitos. Os materiais utilizados devem lembrar objetos do cotidiano da criança, devem ser trocados ou complementados ao longo do ano por brinquedos, objetos e utensílios diversos, visando à realização de atividades cada vez mais adaptadas a situações e ensino mais complexas e ricas [...].

Esta perspectiva foi observada pelos estudantes: "*[...] é interessante que tenha objetos decorativos que lembre de sua casa, e que deixe o ambiente aconchegante para ela.*" (sujeito 25). Uma estudante (sujeito 24) adverte que a decoração deve conter materiais que façam sentido para as crianças. Para tanto, sugere em seu desenho um quadro com fotos das famílias decorando a sala. É uma ação que torna o ambiente mais humanizado.

Entre as funções da organização do ambiente, Carvalho e Rubiano (2000), ressaltam a necessidade de promover a identidade pessoal. Neste sentido, advertem sobre a importância de se personalizar o espaço, que as crianças tenham objetos próprios e participem da organização dos espaços.

O ideal é que as crianças participem do processo de montagem da exposição de seus trabalhos. A valorização das produções das crianças favorece a aquisição da noção de pertencimento. Esta intenção foi observada, por vários estudantes: "*[...] A escola deve ter lugares específicos, espaços reservados nas paredes para exposição de atividades e mesmo para as crianças realizarem pinturas, fazerem gravuras etc, para que a instituição também tenha sua marca.*" (sujeito 30); "*A decoração deve ser composta por trabalhos realizados pelas próprias crianças [...].*" (sujeito 16).

A atenção quanto ao registro e divulgação dos trabalhos das crianças consta no documento intitulado Indicadores de Qualidade da Educação Infantil;

Os espaços devem também proporcionar o registro e a divulgação dos projetos educativos desenvolvidos e das produções infantis. Desenhos, fotos, objetos em três dimensões, materiais escritos e imagens de manifestações da expressão infantil estimulam as trocas e novas iniciativas, demonstram resultados do trabalho realizado e constituem um acervo precioso da instituição (BRASIL, 2009, p. 48).

O documento denominado Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil destaca os locais para a exposição dos trabalhos das crianças.

Alternar espaços-corredores com espaços-vivência promove uma dinâmica espacial na qual as pessoas se encontram, trocam experiências ou simplesmente se sentam e descansam. Esses espaços podem funcionar como local de divulgação de informações e exposição de trabalhos. (BRASIL, 2006, p.31).

Ao tratar da abordagem de Reggio Emília na educação da primeira Infância Edwards, Gandini e Forman discutem o tema: “O espaço que documenta” (1999, p. 155-6). A documentação é realizada através da exposição dos trabalhos das crianças:

[...] as exposições internas, além de serem bem-desenhadas e de contribuírem para o aconchego do espaço, oferecem documentação sobre atividades específicas, sobre o enfoque educacional e sobre as etapas de seu processo. Acima de tudo, é um modo de transmitir aos pais, aos colegas e aos visitantes o potencial das crianças, suas capacidades em desenvolvimento e o que ocorre na escola. (1999, p. 155-6)

Os autores ressaltam a questão cultural e sugere que os espaços das instituições registrem a cultura da cidade e também a cultura da escola em particular. Para os autores Edwards, Gandini e Forman (1999, p. 150) “[...] A cultura da cidade também pode ser detectada na documentação afixada nas paredes sobre passeios e atividades, que envolvem marcos e pessoas da cidade [...]” Com relação à cultura da escola são previstas duas situações uma de registro da evolução da própria escola e da história das crianças que estudaram na instituição e outra de registro de objetos ou elementos da natureza que as crianças coletaram em passeios, bem como recordações de experiências trazidas de suas residências e de viagens. A contribuição individual é valorizada e socializada para o coletivo. De acordo com os autores “[...] A mensagem torna-se parte do espaço e torna as crianças conscientes de que valorizamos aquilo que fazem” (1999, p. 151)

KOWALTOWSKI (2011, p. 176-7), na sua obra *Arquitetura Escolar* o projeto do ambiente de ensino destaca:

[...] a importância da previsão, no projeto, de espaços de exposição de trabalhos de alunos, para que a população estudantil se sinta valorizada. As exposições devem estar em várias áreas (entrada, corredores, salas de aula), ter superfícies verticais (quadros, pôsteres, desenhos) ou horizontais (maquetes, objetos tridimensionais, equipamentos como microscópios e outros), e podem ser utilizadas como elementos decorativos espalhados por todo o edifício escolar.

Villela e Archangelo (2013, p. 44) ao tratarem da escola significativa distinguem três sentimentos relevantes: o acolhimento, o reconhecimento e o pertencimento:

[...] Há uma outra espécie de reconhecimento, denominado de reconhecimento secundário, que se refere à valorização das ações, trabalhos e realizações por parte do aluno na escola, e que também desempenha um papel importante na estima do aluno em relação a si mesmo, à sua capacidade e à própria escola como ambiente acolhedor.

Para que um espaço se torne lugar é preciso primar pelas relações interpessoais que ocorrem, entre as crianças e entre as crianças e o adulto. A qualidade destas relações é elemento primordial para o estabelecimento de laços afetivos com o espaço, e portanto, para a construção da noção de pertencimento que possibilite a transformação do espaço em lugar. Guimarães (2009, p. 98-99) discute o espaço relacional e avalia que acolher não significa apenas tornar o espaço aconchegante.

É importante refletir também sobre: como o espaço acolhe e sustenta os relacionamentos entre as crianças? Acolher não é somente ser gentil, não se trata só de produzirmos um espaço aconchegante e gostoso (o que também é fundamental), mas, sobretudo, de considerarmos como o espaço sustenta os planos das crianças e as interações que desenvolvem [...].

Villela e Archangelo (2013, p. 42) avaliam que:

O sentimento de *acolhimento* é a contrapartida emocional, no aluno, dos cuidados da escola com ele, os quais visam ao seu bem-estar, a um conjunto amplo e construtivo de boas relações que ele pode estabelecer no interior da escola e ao conjunto de atos direcionados ao desenvolvimento do aluno em seus mais variados aspectos.

Numa visão mais ampla podemos afirmar que a maneira como a decoração das instituições de Educação Infantil é proposta pode ou não favorecer os sentimentos de acolhimento, reconhecimento e pertencimento. Considerar as produções das crianças, personalizar o espaço, torná-lo agradável, fomentar relações solidárias são ações de cuidado por parte dos profissionais.

Outro aspecto que pode compor a decoração do ambiente diz respeito aos elementos naturais. O cultivo de plantas e o cuidado de animais têm um papel significativo para o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças.

### **Decoração e os elementos naturais**

Os elementos naturais como objeto de decoração dentro da sala de aula foram pouco citados pelos estudantes embora seja uma prática recomendada pelos especialistas. Esta ação tem uma intencionalidade educativa, pode ensinar de maneira lúdica sobre o desenvolvimento das plantas e os cuidados necessários para a sobrevivência dos vegetais o que pressupõe a responsabilidade por parte da criança.

Os Referenciais Curriculares para Educação Infantil, especificamente o volume 3 Conhecimento e Mundo, reconhecem que:



O professor pode cultivar algumas plantas em pequenos vasos ou floreiras, propiciando às crianças acompanhar suas transformações e participar dos cuidados que exigem, como regar, verificar a presença de pragas etc. Se houver possibilidade, as crianças poderão, com o auxílio do professor, participar de partes do processo de preparação e plantio de uma horta coletiva no espaço externo. (BRASIL, 1998, p. 179)

O cultivo de plantas no interior da sala de aula compareceu em apenas um desenho de sala. Contudo, ao representar a área externa da instituição vários desenhos indicaram áreas verdes e alguns a presença da horta, de plantações. O documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (BRASIL, 2009, p. 18) apresenta um tópico intitulado “Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza” em que indica “ • Nossa creche procura ter plantas e canteiros em espaços disponíveis” numa tentativa de chamar a atenção sobre este quesito. Os poucos estudantes que mencionaram as plantas, ao serem questionados sobre a decoração, provavelmente estavam se referindo a existência da vegetação como um elemento natural que torna o ambiente mais agradável, propiciando desta maneira um conforto ambiental, como observa-se a seguir: “[...] com um pouco de verde (jardins) para dar uma sensação agradável as crianças [...].” (Sujeito 31)

Na intenção de tornar o ambiente o ambiente agradável é comum que os profissionais decorem as salas com personagens veiculados na mídia.

### **A decoração com personagens da mídia e a construção da identidade na infância.**

Dois estudantes indicaram a decoração, a partir de personagens. Esta escolha dos estudantes aponta para a necessidade de investimentos na formação do educador para que seja capaz de fazer uma leitura aprofundada sobre a relação dos personagens com a construção da identidade na infância. A oferta de produtos destinados ao consumo das crianças com a estampa de personagens é avassaladora. São roupas, estojos, cadernos, mochilas, roupa, pastas de dente, brinquedo. As crianças são captadas por uma publicidade que ultrapassa fronteiras, invade o cotidiano e se materializa ambientando as salas de educação infantil. As crianças se identificam com os personagens, conhecem estilos de vida nem sempre alinhados ao contexto vivido. Geralmente, as crianças reivindicam a compra de objetos estampados com personagens porque viram o anúncio na mídia ou outras crianças do seu convívio possuem. As crianças desejam o objeto para pertencer ao grupo ou

para se diferenciar das demais pelo acesso ao produto o que pode tornar o ambiente escolar competitivo e portanto, pouco propício ao desenvolvimento social. Neste sentido, é fundamental que a decoração comporte outros elementos que contribuam para ampliação do universo cultural das crianças.

### **Decoração e a construção e saberes sobre a diversidade, as letras e os números**

A decoração dos espaços pode informar a respeito da pluralidade, da diversidade ética, social e cultural. Nas palavras de Forneiro (1998, p. 261):

Através da decoração, por exemplo, podemos incluir lâminas e fotografias com imagens de crianças de outras raças ou com outras características físicas (meninos e meninas em cadeiras de rodas ou com muletas, com óculos, com próteses, etc.) diferentes das nossas. E, também, imagens que reflitam outros modos de vida (casas, meios de transporte, alimentos, etc) procedentes de diferentes países do mundo.

Dentre as sugestões de decoração não foram constatadas menções a respeito da pluralidade, da diversidade pessoal, ética social e cultural como indica Forneiro. Não foi assim observado um importante papel educativo que a decoração pode ofertar, a partir de imagens e objetos que materializam outros modos de vida e desta forma ampliam o universo cultural dos alunos.

A decoração com obras de arte também não foi citada nem representada nos desenhos. A decoração comporta as concepções dos educadores sobre os elementos culturais selecionados como essenciais para a formação da criança pequena. De acordo com Forneiro (1998, p. 260): "É importante que a sala de aula esteja organizada e ambientada com uma certa sensibilidade estética que, além de tornar agradável a permanência na mesma, eduque a sensibilidade estética e artística das crianças."

Um dos desenhos registrou a passagem do tempo, através da decoração, ao incluir o relógio e o calendário. É comum nas salas a presença do alfabeto e dos números na perspectiva tenham contato com a linguagem escrita. Esta intencionalidade educativa foi lembrada pelos estudantes ao tratar de decoração. As menções foram às seguintes: "[...]. Deve ser uma decoração colorida que auxilie no aprendizado e no primeiro contato das crianças com o número e as letras." (sujeito 16); "A decoração deve ser bem aconchegante e sempre conter materiais que levem ao aprendizado." (sujeito 01)

Outros materiais indicados pelos estudantes para a decoração foram: cartazes (calendário, tempo e aniversariantes), móveis, quadros, murais, luminárias e materiais com diferentes texturas.

Com relação ao toque Carvalho e Rubiano (2000) incentivam experiências com materiais de diferentes texturas, temperaturas e composições (duros, macios, ásperos e lisos, quentes, frios, estáveis e vibratórios). Broto (2012, p.25) corrobora com a importância das texturas e evidencia o seu emprego para crianças com dificuldades visuais. "Hemos hablado [...] de la utilidad de los cambios de texturas e los pavimentos como orientación para los niños con dificultades visuales [...]" Para tanto, menciona "[...] materiales duros o blandos, densos o fluidos, secos y húmedos, suaves o rugosos."

Carvalho e Rubiano (2000) consideram que para desenvolver competências é oportuno que o espaço possibilite o domínio autônomo pelas crianças, como por exemplo, pistas ambientais e caminhos que levem aos lugares. Quanto ao quesito oportunidades para o crescimento, entendido como desenvolvimento cognitivo, social e motor, são propostos ambientes que possibilitem movimentos corporais com segurança e a estimulação de sentidos (cores, sons, aromas, tato). Para a estimulação dos sentidos é relevante promover a "[...] variação de tamanho de espaços (pequenos e grandes); altura do chão (com elevações e descidas); altura do teto (panôis, treliças, clarabóias); altura de barreiras paredes, meia-divisórias, biombo, estantes baixas); lugares bem claros e menos claros [...]" (CARVALHO E RUBIANO, 2000, p.112). Para os autores, o arranjo espacial é considerado essencial. É possível organizá-lo por meio de espaços semi-abertos e estruturantes, oferecendo às crianças e ao professor uma maneira fácil de perceber todo o espaço disponível bem como corroborando com o fortalecimento das interações sociais.

### **Considerações Finais**

Os autores que pesquisam acerca do desenvolvimento infantil, a despeito dos diferentes referenciais teóricos, são unânimes em sustentar que as conquistas sensoriais e cognitivas das crianças têm intersecção com o meio físico e social. Do decorrer da nossa discussão compartilhamos com as idéias dos autores de que o espaço físico e social é essencial para a evolução das crianças, na medida em que possibilita a ordenação das funções sensoriais, motoras, das representações simbólicas, emotivas, lúdicas e adquirir relações, travar conhecimento ou amizade. Nesse processo de desenvolvimento, inicialmente as percepções das crianças são centradas no próprio corpo. Gradativamente, à medida que conquista o esquema corporal, sua percepção avança no sentido da descentralização e começa a definir as fronteiras do eu e do não-eu. Infere-se, portanto, que os espaços educativos

não devem todos ter a mesma aparência, estrutura ou proporção, pois o mundo é repleto de contrastes e situações de sensações de apreensão, incerteza, medo, sendo necessário às crianças compreenderem e conseqüentemente aprenderem a participar disso.

Ao planejarmos o espaço para as crianças pequenas é preciso atentar, observar que o ambiente é constituído como afirmam Barbosa e Horn (2001, p.73) “[...] por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso de espaço, luzes e cores, odores, mobílias e ritmos de vida”. Concomitantemente, pensar num ambiente que possibilite às crianças a arte de olhar com atenção, que tenha chance de fazer escolhas, sugestões, aprender a classificar, a dispor em categorias os objetos do meio físico e social.

Portanto, o espaço não é qualquer coisa que se ornamente enfeite, que se guarneça com adornos, pois não é algo simplesmente físico, mas faz parte das relações humanas. E quando o tema é educação é acerca de relações que pensamos. O professor é o mediador das inter-relações que são múltiplas, diversas. Indubitavelmente que o educador não está presente em todas as intermediações, posto que estas ocorrem em vários lugares e em tempos diversos, contudo, é ele quem intervém e organiza o ambiente para que as relações possam ser reconhecidas num clima de aceitação. As organizações do espaço interno e externo do ambiente na instituição de Educação Infantil refletem uma polarização de concepções ora emancipatórias, ora repressoras, ora polarizadas no professor, ora no coletivo das crianças e na interlocução com elas. Assim, o espaço não é qualquer coisa dada, não é uma dádiva, mas requer que seja construído como uma dimensão do trabalho pedagógico.

A rigor, a idéia central que buscamos foi defender que as atividades planejadas diariamente nas instituições de educação infantil, devem sempre contar com a colaboração direta, ativa das crianças asseverando às mesmas a construção das noções de tempo e espaço, favorecendo-lhes a compreensão da maneira como as experiências sociais são organizadas e, principalmente, possibilitando fecundas e diversas interações sociais.

## **Referências**

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. Organização do espaço e o tempo na escola infantil. In CRAIDY C. M ; KAERCHER, G. E. P. da S. (org.)

- Educação Infantil:** prá que te quero? Porto Alegre: Artmed , 2001. p. 67-79.
- BLANC, C.; LESANN, J. **Propostas para o cotidiano da educação infantil.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores de qualidade na educação infantil.** Brasília, DF: MEC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília: MEC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Conhecimento do mundo.** Brasília, 1998.v.3.
- BROTO, C. **Nuevos parques infantiles planificación y disenos actuales.** Barcelona: Links, 2012.
- CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. R. (org.). **Educação Infantil: muitos olhares.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 107-130.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- ESCOLANO A. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 19-57.
- FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.
- GUIMARÃES. D. Educação Infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, P. (org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas.** Campinas: Autores Associados, 2009. p. 93-104.
- KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura escolar:** o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- VILLELA, F. C. B. e ARCHANGELO, A. **Fundamentos da escola significativa.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.